

# NOSSOS CLÁSSICOS<sup>1</sup>

## OS RAMOS DA GEOGRAFIA E SUA RELAÇÃO COM AS CIÊNCIAS DA NATUREZA [Die Zweige der Geographie und ihr Verhältnis mit den Naturwissenschaften]

ALFRED HETTNER

Se a Geografia é a ciência corológica da superfície terrestre, por conseguinte ela tem a ver com todos os objetos possíveis tanto da natureza inorgânica quanto da orgânica, quanto da vida humana; todavia, não [os objetos] em si, mas sim apenas na medida em que eles são elementos essenciais dos lugares singulares da Terra (einzelnen Erdstellen). Seu objeto não são as coisas ou processos singulares enquanto tais; ela também não questiona por sua distribuição geográfica, o que é, ao contrário, o modo de investigação das disciplinas parcelares das respectivas ciências, por exemplo, da Botânica Geográfica, da Zoologia Geográfica e etc., mas sim investiga os diferentes espaços terrestres (Erdräume) e os lugares da Terra (Erdstellen) segundo o modo de formação dos três reinos da natureza inorgânica<sup>2</sup> e sua dotação de plantas, animais, homens e obras humanas. Os fatos geográficos são as relações do espaço do mesmo modo como os fatos históricos são as relações do tempo. Todavia, na medida em que eles não

---

<sup>1</sup> Dando continuidade ao nosso projeto de traduzir a grande obra de Alfred Hettner “*Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methode*”, apresentamos nesse número a parte subsequente ao texto “A Essência e as Tarefas da Geografia”, aqui mesmo publicado no vol.13, n°26, 2011, p.136-149. Tradução: Leonardo Arantes. Agradecemos especiais ao Prof. Dr. Flávio Nascimento pela ajuda com conceitos-chave da Biogeografia e Geomorfologia, bem como ao Prof. Dr. Rogério Haesbaert pela revisão do texto, e a Daniele Maciel Carvas e Holger Wetzstein pela ajuda na tradução de algumas passagens.

<sup>2</sup> Os três reinos da natureza inorgânica aos quais Hettner se refere aqui são: *Fungi*, *Protoctista* e *Monera*. [N.T.]

são nada mais do que relações do espaço, eles são puramente formais<sup>3</sup>; eles recebem significação autônoma apenas através de sua realização<sup>4</sup> material (*dinglichen Erfüllung*), como a posição (*Sitz*) de matérias e forças ou o lar e o âmbito de ação dos seres vivos, tanto das plantas e animais, quanto do homem. Por isso, denominou-se a Geografia de maneira mesmo adequada, senão agora de maneira elegante, a ciência dos espaços da superfície terrestre segundo sua realização material (*dinglichen Erfüllung*).

## A. A Geografia Matemática e a Geofísica

A primeira e de certo modo fundamental concepção de objeto geográfico, contudo não mediadora de nenhum conhecimento autônomo, mas sim apenas prestadora de serviços auxiliares na ciência (*Lehre*) da localização astronômica e terrestre dos lugares e de medição de área (*Landvermessung*), reside na concepção de suas *relações espaciais* enquanto tais ou, dito de outro modo, na concepção puramente geométrica da superfície terrestre sem referência ao conteúdo. Usaremos de preferência o antigo nome *Geografia Matemática* para a disciplina que se ocupa com esta tarefa, mas é preciso que se esteja consciente, com isso, de que ela exclui muito daquilo que comumente dela faz parte, mas que a ela não pertence do ponto de vista científico, como, a saber, a teoria (*Lehre*) dos movimentos da Terra, que se pode introduzir na ciência (*Lehre*) da localização dos lugares apenas por meio de jogo conceitual. A Geografia Matemática ou Astronômica no sentido comum que predomina especialmente na escola nada mais é do que a reprodução popular, poder-se-ia quase que dizer, um ruminar de resultados da Astronomia e da Geodésia; ela pode ter um certo direito enquanto disciplina escolar, mas no sistema das ciências [p.134] ela é um absurdo. No nosso sentido ela é uma ciência auxiliar da Geografia, do mesmo modo como a Cronologia é pura e simplesmente uma ciência auxiliar para a História e também para a Geologia Histórica, pois ela não tem nenhum conteúdo autônomo do conhecimento, mas sim apenas cria uma carcaça para a classificação dos conhecimentos geográficos. Sua laboração reside em grande parte também não nas mãos dos geógrafos, tampouco como a laboração da Cronologia

---

<sup>3</sup> Importante ressaltar que o espaço é para Hettner, tal como Kant o concebera, uma forma pura, a priori, da sensibilidade. [N.T.]

<sup>4</sup> O vocábulo alemão “*Erfüllung*” é a substantivação do verbo “*erfüllen*”, que quer dizer tanto “realizar” quanto “preencher”, portanto, “realização” ou “preenchimento”. [N.T.]

nas do historiador, mas sim é o objeto de uma disciplina especial, a Geodésia, ou cai parcialmente, a saber, na ciência (Lehre) das localizações astronômicas dos lugares, no ramo da Astronomia. À Geografia Matemática se junta a *Ciência dos Mapas* enquanto teoria (Lehre) da apresentação gráfica e também, em sentido amplo, imagética dos conhecimentos geográficos.

Por outro lado, a *teoria (Lehre) da Terra enquanto um todo*, de sua forma e de suas relações físicas e químicas não é uma parte, mas sim um rol de entrada da Geografia. Certamente ela não é uma disciplina apenas formal como a Geografia Matemática, mas sim uma ciência de conteúdo; todavia, ela se tornou pouco a pouco, sob o nome de Geofísica, uma ciência autônoma, que antecede a Geografia (ver p. 119). A investigação corológica dos singulares espaços terrestres (Erdräume) e lugares da Terra (Erdstellen) que pertence à Geografia tem que partir evidentemente da concepção do todo da Terra, aceitando-a como certa e apenas se estabelecendo onde esta termina; somente a formação diferenciada dos fenômenos em diferentes lugares da Terra forma seu verdadeiro objeto ou, dito de outro modo, o tipo particular dos continentes, regiões (Länder), paisagens e localidades, tal como ele se dá a partir de diferentes tipos e intensidades das forças internas e externas e se manifesta tanto na natureza como no homem e em sua cultura. Devemos agora perseguir essa investigação através dos reinos singulares da natureza.

## **B. A Geografia da Superfície Terrestre Firme e a Geologia**

Em primeiro lugar está a superfície terrestre firme. Ainda que, tal como alguns geógrafos o fizeram (ver p.125), não lhe concedêssemos uma prioridade na maneira como, em geral, ela constitui o verdadeiro objeto da Geografia – ao passo que os demais reinos da natureza e o homem, em sua dependência com a superfície terrestre firme, seriam concebidos indistintamente apenas como apêndice – ela [a superfície terrestre firme] seria de qualquer modo o primeiro e mais ostensivo fato, sem o qual não se poderia entender os demais fatos geográficos. Nas geografias antigas (älteren Erdbeschreibungen) e também na Idade Moderna, a investigação geográfica se restringiu inteiramente à forma externa da superfície terrestre firme e a concebeu [p.135] tão somente de forma descritiva, perseguindo-a em seus efeitos, mas abdicando de sua explicação causal. Alguns geógrafos antigos, nomeadamente geógrafos militares, defendem ainda hoje esse ponto de vista. Todavia, a ciência geográfica avançou duplamente sobre

essa concepção morfográfica da superfície terrestre firme. Primeiramente por meio da ampliação do conteúdo da concepção: se a forma da superfície terrestre, da troca do topo pelo fundo, do plano pelo acidentado, é com certeza o fenômeno mais importante, deste modo, a composição material, a rocha e o solo são mesmo de grande influência na irrigação, nos mundos vegetal e animal e na ocupação e na vida econômica do homem, e também os processos enquanto tais: atividade vulcânica, terremoto, avalanches etc., têm um grande papel na vida do homem, embora Buckle tenha exagerado a esse respeito. Em segundo lugar, com *Peschel* e *Ferdinand von Richthofen*, através da investigação causal<sup>5</sup>. O conhecimento científico completo só é possível quando não concebemos os fenômenos apenas descritivamente, mas sim também quando os explicamos. Apenas a concepção causal traz ordem e uma certa uniformidade dentro da multiplicidade infinita das percepções sensíveis imediatas e torna possível dominá-las em pensamentos e transformá-las em posse espiritual. Também as produções cartográficas de regiões (*Landesaufnahmen*) que se fecharam tanto tempo à concepção causal dos terrenos, chegaram agora à conclusão de que uma boa produção topográfica é possível apenas com compreensão morfológica, porque apenas esta capacita os topógrafos para uma concepção correta do terreno. O progresso da Morfografia em direção à Morfologia foi um dos progressos mais significativos da Geografia. Por outro lado, isso pouco quer dizer que durante um tempo a Morfologia tenha se tornado o centro do debate de maneira exagerada e intensa – novos progressos tratam de estar ligados com exageros, porquanto tudo agora pode ajudar a preencher lacunas evidentemente formadas na ciência. Depois que isso for alcançado, a Morfologia pode tranquilamente retornar de novo a uma posição desprezível; somente agora a reação contra ela não pode ser exagerada, tal como isso quase aparenta; pois seria uma grande perda para a Geografia se essa importante parte novamente atrofiasse ou se transferisse inteiramente para outras mãos. Quem estudou, no primeiro volume da China de Richthofen, o capítulo sobre a formação do solo da Ásia central e o loess, deve ter reconhecido o quanto, através disso, foi fomentada também a compreensão das migrações e das relações de ocupação. E, ao contrário, sentir-se-á sempre, com a leitura das [p.136] obras de Ratzel, a precisão do aprofundamento morfológico que também teria conduzido para profunda concepção dos efeitos do solo sobre o homem. Pode-se reclamar contra o exagero da Morfologia, tal como ela, ao

---

<sup>5</sup> *Davis* é ingênuo ao acusar a Geografia alemã de ter se satisfeito com a descrição e ter se furtado à explicação.

longo de algumas décadas, havia se tornado vulgar; mas isso significa jogar a criança fora junto com a água do banho, quando agora às vezes não se quer saber nada mais da Morfologia em geral.

Com essa investigação da superfície terrestre firme compreendida em mútua relação, a Geografia tem interface, por um lado, com a Geologia e, por outro, com as disciplinas autônomas da Ciência do Solo e com uma Morfologia autônoma bem como com uma Ciência dos Vulcões e uma Ciência dos Terremotos autônomas.

Na prática, a interface com a *Geologia* é, por enquanto, de longe a mais importante. Ela nem sempre foi amigável; ao contrário, houve alguns conflitos de delimitação, pois os geólogos, embora tenham feito muito pouco para a compreensão morfológica da superfície terrestre, especialmente junto a nós na própria Alemanha, sentiram de fato a inserção do trabalho geográfico neste campo como intrusão em seu campo de trabalho. Eles se dirigiram contra várias superficialidades de início inegavelmente existentes no trabalho dos geógrafos, que se originaram do fato de que muitos também se voltaram a estes problemas sem a pré- formação geológica suficiente; eles cunharam exatamente a piada de mau gosto que a Geografia não seria a ciência da superfície terrestre, mas sim a ciência superficial da Terra. Com isso, eles apenas não viram que os maiores progressos da Morfologia se devem aos geógrafos, e que partiu mesmo destes tanto a concepção nítida das formas como das condições climáticas e geográfico-botânicas da formação do solo. E enquanto os geógrafos têm preenchido as lacunas de seu conhecimento na maioria das vezes rapidamente, muitos geólogos se deixam esquecer ainda hoje da formação morfológica aprofundada. Alguns geólogos, especialmente os antigos, presos em horizonte restrito, sopram ainda hoje no trompete de guerra; mas ao todo formou-se uma relação de vizinhança amigável. Os representantes de ambas as ciências veem que eles devem se apoiar na pesquisa do outro, mas que o objetivo de sua pesquisa é diferente, que o conhecimento de ambas as ciências é, partindo de um fundamento comum, direcionado para diferentes lados.

A Geologia é, segundo sua essência, a história da Terra (*Erdgeschichte*); os fatos da superfície terrestre atual são para ela os documentos a partir dos quais identifica a história da Terra. Por muito tempo, ela se restringiu ao estudo das rochas e fósseis, das relações de estratificação e dos processos enquanto tais. Apenas recentemente ela incluiu as formas em seu estudo, pois reconheceu, perseguindo as pegadas da Geografia, que não apenas alguns [p.137] processos de remodelação

superficial, mas sim também processos internos, tais como elevações e rebaixamentos da crosta terrestre, podem ser reconhecidos apenas a partir do estudo das formas da superfície, ou que este [estudo], junto com o das rochas e das relações de estratificação, ao menos fornece contribuições valiosas para a concepção. Mas, ao todo, na medida em que se mantém na ciência e se abstrai da aplicação prática, é mais importante para a Geologia a construção interna do que a superfície, a rocha do que o solo. Ao lado da Petrografia e da Estratigrafia, que se transforma gradualmente em uma Geologia verdadeira, histórica, a Tectônica, isto é, a teoria (Lehre) da construção interna da crosta terrestre firme, tornou-se uma área de pesquisa preferida da Geologia, também exercida no sentido da história da Terra, pois a concepção das antigas formações serranas é de qualquer modo importante para ela, até mesmo mais importante do que a das novas. A assim chamada Paleogeografia, isto é, a apresentação geográfica de períodos geológicos passados, junta-se à história da Terra, podendo ser considerada como uma parte desta; pois quando também o tipo de concepção é geográfico, deste modo, ela não apenas deduz seu material a partir das investigações geológicas, como também serve aos interesses geológicos.

Também a *Geografia* deve partir da construção interna da crosta terrestre firme; mas esta [construção] não é para ela um marco da história da Terra, mas sim o fundamento para a compreensão das formas atuais e do arranjo atual da superfície terrestre firme. Constitui-se em um erro metodológico quando apresentações geográficas dão a história do desenvolvimento geológico de uma região; ao contrário, a Geografia concebe a construção interna como fato dado e não persegue sua origem para além do que é estritamente necessário à compreensão. Ela se coloca com isso nos ombros da Geologia, aceita seus resultados de pesquisa de maneira agradecida. Seu completo interesse e seu próprio trabalho de pesquisa se estabelecem apenas com a formação da superfície atual segundo a forma e o arranjo. A ela interessa sua diferença de região para região (von Land zu Land), de lugar para lugar (von Ort zu Ort), simplesmente por causa da significação fundamental das formas e do arranjo da superfície terrestre firme para todos os outros reinos da natureza e para o homem.

Com efeito, a *Morfologia*<sup>6</sup> na literatura da Geografia Geral ainda tem, na maioria das vezes, a forma de uma ciência sistemática, ou seja, é

---

<sup>6</sup> Ver meu livro: As formas da superfície de terra firme, Leipzig, 1921, p.3f.

uma investigação das formas enquanto tais, junto às quais sua ocorrência e distribuição geográfica aparecem apenas como características. Essas apresentações ainda não reconheceram corretamente a verdadeira tarefa geográfica. Também nesta forma a Morfologia tem uma razão de ser; todavia, ela é então uma [p.138] disciplina autônoma, analogamente à Ciência do Solo, de significação para a técnica de circulação, para a estratégia militar e tática etc.. Nesta forma ela é para a Geografia uma ciência auxiliar. A verdadeira investigação geográfica parte do espaço e questiona: qual forma a superfície terrestre firme tem em diferentes lugares da Terra? As formas sempre são elementos da paisagem e devem ser entendidas enquanto tais, dão-se a partir da construção e clima, são concebidas como os fundamentos dos mundos vegetal e animal e da vida humana.

O mesmo pode-se dizer evidentemente da concepção geográfica das rochas, minerais e tipos de solo, ainda que a relação tenha se desenvolvido simplesmente de maneira oposta; a Mineralogia, a Ciência das Rochas e a Ciência dos Solos eram de início ciências sistemáticas e apenas mais tarde foram incorporadas enquanto ciências auxiliares pela Geografia. É um mérito de Richthofen o fato de ter fundado uma Geografia do Solo, e também os minerais e rochas devem ser incorporados pela investigação geográfica mais do que até agora o foram. Eles são fatos da fisionomia e fisiologia das paisagens, efeitos da construção interna e do clima, fundamentos dos mundos das plantas e da vida econômica da humanidade, da agricultura tanto quanto da mineração. Eles não podem apenas adentrar na investigação da Geografia Econômica enquanto fatos coincidentes, mas sim devem ser concebidos em sua divisão e difusão já na Geografia Física junto à investigação da crosta terrestre firme, na medida em que for possível.

### **C. A Ciência Geográfica das Águas**

Juntamente com a forma da superfície terrestre firme se formaram as águas do continente, os rios, os lagos e também as geleiras e fontes, sempre um objeto das descrições regionais (Länderbeschreibungen). Apesar disso, a Geografia ainda não alcançou nenhum ponto de vista sólido a respeito delas. Por um lado, sua investigação é frequentemente demasiado dependente, na medida em que está completamente ligada à investigação da superfície terrestre firme e é colocada a seu serviço, e emerge então novamente apenas como fundamento para a compreensão da circulação ou

irrigação artificial, ou também – isso vale para neve e geleira – na medida em que elas são concebidas como fenômenos sequenciais do clima; em alguns manuais de Geografia Geral, a investigação da água sobre terra firme diverge deste modo. Por outro lado, ela frequentemente se torna uma História Natural (Naturgeschichte) da neve e da geleira, do lençol freático e das fontes, dos rios e lagos, de cada grupo para si. Evidentemente, os diferentes fenômenos da água necessitam de uma tal investigação científico-natural geral; todavia, esta se tornou a tarefa das disciplinas especiais: da Ciência das Geleiras, da [p.139] Ciência das Fontes e dos Lençóis Freáticos, da Ciência dos Rios (Potamologia) e da Ciência dos Lagos (Limnologia). Quando as trazemos para dentro da Geografia, esta é debitada com matéria alheia, e os verdadeiros fenômenos geográficos da água logo aparecem. Cabe à Geografia o tipo diferenciado de surgimento e a formação diferenciada da água em diferentes lugares da Terra (Erdstellen), enquanto as relações físicas e químicas gerais ela deve depreender das chamadas disciplinas geofísicas. Ela deve ultrapassar os limites que foram estabelecidos pela investigação científico-natural entre as diferentes formas de água. Pois estas estão na realidade intimamente ligadas, interpenetram-se, retroalimentam-se. Não se pode compreender nem a ordenação das águas, nem suas relações topográficas, nem o balanço hídrico de uma região (Gegend), nem as relações físicas e químicas das águas, se não se encarar conjuntamente todas as formas de água. A água da superfície terrestre deve ser concebida como um grande sistema de circulação, que se considera sob diferentes pontos de vista, sob o da ordenação espacial, da formação topográfica, do balanço hídrico, das relações físicas e químicas. Pode-se mesmo dar um passo a frente e incluir também a comunidade biológica<sup>7</sup> (Lebewelt) dos rios e lagos em sua investigação geográfica.

#### **D. A Geografia Marinha**

A investigação geográfica dos mares também se confunde por demais com a investigação científico-natural geral. A *Ciência dos Mares* ou, como normalmente se diz, a *Oceanografia*, sem dúvida pertence a uma Ciência Geral da Terra, porém, tal como de certo modo a Meteorologia na Geografia, esta também deve aplicar o ponto de vista corológico junto aos

---

<sup>7</sup> “*Lebewelt*” significa “biocenose”, “biota” ou simplesmente “comunidade biológica”.

[N.T.]



mares, isto é, deve conceber a diferencialidade dos mares. Ela não pode limitar-se à investigação da água enquanto tal; se os mares ao lado das terras (Länder) são mesmo a outra grande forma fenomênica da superfície terrestre, e como a tarefa da Geografia Regional (Länderkunde) é conceber as regiões (Länder) em conexão e cooperação de todos os fenômenos da natureza inorgânica e orgânica e da humanidade, deste modo, também a investigação geográfica dos mares deve almejar sua investigação de todos os aspectos, deve ligar a [investigação geográfica] da água com a da atmosfera que se encontra sobre ela, e da vida vegetal e animal e das externalizações da vida humana. Abstraindo os manuais de navegação que servem às expedições, a Geografia dos Mares foi até agora muito pouco tratada neste sentido. Ainda falta muito para que ela esteja igualmente estabelecida ao lado da Geografia Regional (Länderkunde).

### **E. [p.140] A Climatologia**

No que diz respeito à atmosfera, a separação da Geografia da investigação puramente científico-natural se realizou de maneira intensa; a *Climatologia*, enquanto parte da ciência geográfica, separou-se da *Meteorologia*, da ciência (Lehre) geral do tempo, que não é nenhuma parte da Geografia, mas sim uma ciência autônoma, constituindo-se apenas numa ciência auxiliar para aquela. A formação da Meteorologia começou já na segunda metade do século XVIII e foi fomentada especialmente através do surgimento dos mapas meteorológicos sinóticos nos anos 70 do século anterior, porquanto eles ofereceram a possibilidade de compreender o tempo de grandes espaços terrestres (Erdräume) como um todo. Desde então ela não é mais simplesmente uma descrição estatística, mas como que uma fisiologia do tempo, o conhecimento dos processos da atmosfera; por um lado, empenha-se no descobrimento das leis destes processos, por outro, volta-se para o serviço da previsão do tempo na averiguação da realidade individual momentânea. Foi um esforço vão e inútil de alguns metodólogos da Geografia querer compelir esta ciência autônoma – que de certo modo muito proveio tanto da Física como da Geografia – no caminho de uma Geografia enquanto Ciência Geral da Terra. Também na investigação da atmosfera e de seus fenômenos, a Geografia deve se restringir absolutamente ao ponto de vista corológico; os fenômenos da atmosfera são geográficos apenas até o ponto em que eles são formados diferentemente em diferentes lugares (Stellen) da superfície terrestre. E essa restrição tem uma segunda como consequência. Os processos factuais

individuais não podem ser objeto da Geografia, mas sim apenas seu estado total ou caráter geral ou, dito resumidamente, o *clima* das diferentes regiões da Terra (Erdgegenden), no qual a expressão clima não pode ser entendida nem unilateralmente no sentido médico-higiênico, nem, como também se usou a palavra, de maneira muito ampla enquanto totalidade das condições vitais, mas sim simplesmente enquanto a totalidade dos estados e processos atmosféricos. Contudo, é mesquinho quando ainda hoje se fantasia a Climatologia na maioria das vezes como uma disciplina puramente estatística, [quando] se vê o caráter geral do tempo apenas nos valores medianos e quando muito nos valores extremos, e [quando] não se cuida do variado transcorrer do tempo de cada lugar a ele característico. Ela proveio da Meteorologia, quando esta era essencialmente estatística, mas cooperou muito pouco com a sua reviravolta na investigação fisiológica, tirando disso muito pouco proveito. Apenas recentemente investiu uma mudança nela.

Assim como a Geografia [se divide] com a Geologia no trato da Morfologia, assim ela se divide com a Meteorologia no trato da Climatologia. Nós devemos confessar sem timidez que os trabalhos climatológicos [p.141] mais importantes são graças aos brilhantes meteorologistas, em tempos passados *Dove*, em recentes, *Hann*, *Wojeikof*, *Köppen* entre outros. Todavia, o grande número de meteorologistas formados essencialmente à luz da Física, e como diretor de estações meteorológicas sintonizados no tempo de um lugar, manifesta pouco interesse e compreensão pela Climatologia. A Geografia não pode por isso abdicar do trabalho de pesquisa climatológica. Investigações climatológicas importantes já provieram do campo geográfico e um rico campo de trabalho se apresenta aos geógrafos na organização das observações de estação através da livre observação e através da reunião de observações e especialmente na ligação dos processos climáticos com os fenômenos do balanço hídrico, do arranjo do solo, da cobertura vegetal e da vida humana.

## **F. A Geografia das Plantas e dos Animais**

Desde o período mais remoto, a Geografia também incluiu em sua investigação os mundos vegetal e animal, e certamente tanto no caráter geral da cobertura vegetal como a ocorrência de plantas e animais individuais, especialmente aqueles que são úteis ou nocivos ao homem. Nos tempos antigos, a descrição botânica ou zoológica esteve diretamente

ligada com sua referência; apenas pouco a pouco a investigação geográfica se separou da [investigação] botânica e da zoológica; mas em parte, ainda divergem as opiniões sobre o tipo correto de divisão.

Os metodólogos que partem da concepção de Geografia como Ciência Geral da Terra procuram a diferença da investigação geográfica da [investigação] botânica e zoológica, na maioria das vezes, no fato de que esta tem a ver com as plantas e os animais individuais; aquela, ao contrário, tem a ver com os mundos vegetal e animal em sua ocorrência ao todo. Claro que a floresta é mais importante do que a árvore individual, os animais presentes em massa são mais importantes do que os animais individualizados; mas o cerne da coisa não encontra essa diferenciação. Também os botânicos e zoólogos não podem deixar de lado relações que procedem da reunião e convívio das plantas e animais e se referem às populações de plantas e sociedades animais e, ao contrário, a Geografia tem circunstancialmente interesse nos tipos individuais de plantas e animais.

A diferença de investigação se pode determinar apenas pelos pontos de vista gerais, a partir dos quais a Geografia, de um lado, e a Botânica e Zoologia, de outro, investigam as coisas (ver. S.120). O objeto da Botânica e da Zoologia são as plantas e os animais enquanto tais em suas diferentes propriedades, às quais pertencem sua ocorrência espacial e temporal. A Geologia contém a história do desenvolvimento das plantas [p.142] e animais; mas a Geografia concebe os mundos vegetal e animal enquanto fatos dos espaços terrestres (Erdräume) e dos lugares da Terra (Erstellen). A distribuição geográfica das plantas e dos animais insere-se com isso tanto na Botânica e Zoologia como na Geografia, porém, de modo diferenciado: aquelas tem a ver com as plantas e os animais, esta, com as regiões (Länder), paisagens e localidades. A Geografia das Plantas e [a Geografia] dos Animais são orientadas de modo diferenciado da Geobotânica e da Geozoologia. A Geografia busca entender os mundos vegetal e animal em sua condicionalidade geográfica (geographische Bedingtheit) através de outros circuitos de fenômenos e em seu efeito em outros circuitos de fenômenos da mesma região (Gegend). Especialmente o mundo vegetal é um dos mais marcantes sinais na imagem da paisagem, embora não seja correto que ele ultrapasse em importância a forma do solo. Ele [o mundo vegetal] é a mais importante condição vital (Lebensbedingung) para animais e homens e é também de grande influência nas águas, no solo e no clima. O mundo animal é menos espetaculoso e tem também menor importância; mas seu papel no governo

da natureza é igualmente grande, e não se pode entender uma região (Land) sem seus animais.

## G. A Geografia do Homem

A investigação do homem na Geografia se moveu entre extremos. Na Antiguidade nós víamos caminhar uma concepção predominantemente etnográfica ao lado da concepção matemático-cartográfica direcionada preferencialmente para a forma da superfície terrestre. Também na Idade Moderna a Geografia se forjou em grande parte na Etnografia e na Ciência dos Estados Nacionais. A reforma da Geografia por Karl Ritter quebrou mesmo sua combinação exterior com aquelas, mas também sua Geografia foi absolutamente antropocêntrica, direcionada para o homem, quando a Terra foi considerada sua morada e sua escola. Diante deste predomínio unilateral da investigação do homem na Geografia, alguns metodólogos foram então tão longe, que quiseram banir o homem completamente da Geografia. Apenas pouco a pouco se formou um equilíbrio da investigação da natureza e do homem, de modo que a Geografia do Homem se tornou uma disciplina fragmentada da Geografia que se iguala hierarquicamente às diferentes disciplinas geográfico-físicas, mas que as ultrapassa em importância e amplitude<sup>8</sup>.

[p.143] É mesmo um resíduo da concepção teleológica e se origina a partir da especial valoração intuitiva do homem quando muitos geógrafos não fazem dos fenômenos do homem o objeto da investigação geográfica do mesmo modo como os da natureza, mas sim querem apenas investigar as influências da natureza sobre o homem; entende-se com isso que eles ligam imediatamente a investigação dos fenômenos humanos, por

---

<sup>8</sup> Antigamente se utilizou de maneira diversa o nome “Geografia Histórica”; mas o restringimos agora com razão à significação estrita e entendemos sob tal nome o desenvolvimento das relações geográficas no tempo. Também a denominação “Geografia Cultural” (Kulturgeographie) é muito restrita, pois exclui a Geografia das Raças e Povos e quase não pode ser aplicada na Geografia Política. Ratzel criou o nome Antropogeografia, que, aliás, aconteceu oportunamente já antes. Este tem a vantagem de consentir a formação de um adjetivo, antropogeográfico, mas é em si deselegante. Os franceses dizem: Géographie Humaine; contudo, a denominação “Geografia Humana” (menschliche Geographie) contradiz ao espírito da língua alemã. “Geografia do Homem” (Geographie des Menschen) é bom e tem apenas a desvantagem de que não permite nenhum adjetivo. Geografia da Humanidade (Menschheitgeographie) seria possível, porém, deselegante.

exemplo, da circulação e dos assentamentos, à investigação das relações da natureza, das quais aqueles dependem principalmente. Mas a investigação é despedaçada através disso e não pode também abordar satisfatoriamente de maneira científica, porque, como veremos na parte deste livro que trata da formação de ideias e conceito geográficos, os fenômenos humanos nunca dependem de uma condição individual da natureza, mas sim sempre se deixam explicar apenas a partir da interação das condições mais múltiplas no desenvolvimento histórico. O chamado modo de investigação não pode dar nenhum conhecimento seguro, mas sim apenas atuar estimulando. Ele não tem nenhum acervo próprio de fatos, cuja averiguação e descrição ele teria que se esforçar; mas sem acervo próprio de fatos, uma ciência sempre terá caráter parasitário. A Geografia tem que aplicar, por conseguinte, o mesmo ponto de vista corológico com o homem, assim como com os reinos naturais.

Já vimos na investigação geral sobre a essência e a tarefa da Geografia<sup>9</sup> (p. 123-124) que concepções diferentes ainda são possíveis, também partindo do ponto de vista corológico, e que agora estas [concepções] na Geografia do Homem conduzem a diferentes delimitações da matéria. Todavia, também já vimos que em sentido estrito nem a concepção espacial de Ratzel, nem a concepção de Schülter e Brunhes limitada na imagem da paisagem permitem a edificação de um constructo fechado, tal como tem que ser o objetivo de cada ciência, e uma vez que Schlüter e Brunhes abandonaram bastante seu ponto de vista unilateral, não é necessário retornar a isso. A Geografia deve conceber o homem não apenas enquanto decoração na imagem da paisagem, mas sim enquanto um pedaço de sua essência. A imagem é mesmo apenas o lado externo que não pode ser entendido de modo algum para si apenas; como queremos entender as tão características mesquitas e minaretes para as imagens das cidades do oriente, se implicitamente passarmos silenciosamente sobre o Islam enquanto a religião do oriente?

[p.144] A relação da Geografia do Homem com as Ciências do Homem sistemáticas e as históricas se forma de maneira semelhante à da Geografia Física com as Ciências Naturais descritivas individuais e com a Geologia. O homem e sua cultura em si são, do mesmo modo como a sua história, pressupostos. Também a distribuição geográfica dos fenômenos humanos individuais se insere já nas ciências sistemáticas, não podendo

---

<sup>9</sup> Texto traduzido e publicado por nós nesse mesmo periódico, vol. 13, n°26, p. 136-149. [N.T.]

tampouco ser prescindida por estas como o seu desenvolvimento histórico. Todavia, esta investigação é simplesmente algo diferente da investigação dos espaços terrestres (Erdräume) segundo suas propriedades e sua realização material (dinglichen Erfüllung). A investigação geográfica também do homem provém de ambos os pontos de vista da diferencialidade de lugar para lugar (Verschiedenheit von Ort zu Ort) e da interação com outros fenômenos. Ela é direcionada para os continentes, regiões (Länder), paisagens e localidades individuais e deve questionar: quais homens vivem neles, como são suas obras, como sua vida se forma, como eles remodelaram as regiões (Länder)? E ela deve investigar também comparativamente os homens e obras humanas sobre a Terra.

Partindo deste ponto de vista, devemos examinar as partes individuais da Geografia do Homem e sua relação com as correspondentes Ciências do Homem.

Por muito tempo, como vimos, a Geografia esteve ligada à *Etnografia* e também à *Antropologia*, principalmente porque tanto o conhecimento de uma como o da outra repousava sobre a observação direta nas regiões (Länder) estrangeiras; porque elas criavam a partir das mesmas fontes, as descrições de viagem; e porque não se tratava ainda de visão científica aprofundada. Apenas quando esta se estabeleceu, teve de dar conta, por um lado, da diferencialidade essencial das regiões (Wesensverschiedenheit der Länder) e, por outro, das raças e povos; a Ciência das Raças ou Antropologia e a Etnografia ou Etnologia tiveram que se tornar ciências especiais. Aqui é característico que se tenha mantido e se mantenha a conexão por muito mais tempo em periódicos populares e livros do que na ciência. Nem a corporeidade das raças humanas, nem a vida espiritual e as relações vitais dos povos, menos dos povos naturais (Naturvölker) do que dos povos culturais (Kulturvölker)<sup>10</sup>, podem ser concebidas como propriedades ou funções das regiões (Länder), mas sim exigem uma investigação própria através de ciências especiais que com certeza não deveriam abandonar o solo geográfico na massa, tal como infelizmente fizeram com frequência nos últimos tempos. Embora alguns geógrafos, especialmente aqueles que viveram em meio aos povos naturais (Naturvölker), mantenham ainda uma união pessoal com a Etnografia, as ciências enquanto tais se separaram. Isso com certeza não pode ser entendido então como se [p.145] a Geografia não tratasse mais de maneira

---

<sup>10</sup> A esse respeito, ver a segunda edição, revista e ampliada, da obra de Hettner intitulada “*Der Gang der Kultur über die Erde*”, de 1929 [1923][N.T.].

alguma das raças e povos. Estes pertencem a uma região (Land) tal como as plantas e animais, e de todo modo devem ser levados em consideração pela Geografia. Raça e povo não podem derivar da natureza de sua morada (Wohnort); ao contrário, constituem-se como essência autônoma; porém, que esta raça e este povo habite agora em uma região (Land), tem seus fundamentos geográficos em parte na posição, em parte no arranjo da natureza, e também algumas de suas propriedades se deixam compreender apenas enquanto adaptação às áreas de morada (Wohngebiet) atuais. Há uma *Geografia das Raças e Povos*, do mesmo modo como há uma Geografia das Plantas e dos Animais.

De modo semelhante se relaciona com o tratamento dos *Estados Nacionais*. Do mesmo modo como a Etnografia estava ligada antes à Ciência dos Estados Nacionais e à Geografia, que às vezes ficava quase completamente absorvida nela. Também esta conexão se desfez, ainda que de outro modo; pois enquanto a Etnografia se afastava mais da Geografia por estímulo próprio, porquanto sua área de trabalho se desenvolvia cada vez mais, tornando-se mais diferenciada da [área de trabalho] da Geografia, a Geografia se libertou do peso da Ciência dos Estados Nacionais, mesmo sem que esta tivesse ganhado existência autônoma. Através disso fica claro que a *Geografia Política* retrocedeu completamente um longo tempo e teve que ser reanimada por *Ratzel*; é um equívoco de *Kjellen* quando pensa que a Geografia então quis novamente se apoderar por completo da Ciência dos Estados Nacionais. Ao contrário, nós geógrafos intervimos há muito a favor de uma Ciência dos Estados Nacionais no sentido de *Kjellen*, portanto, em oposição à ciência (Lehre) do Estado puramente teórica e essencialmente jurídica. Nós lamentamos e sentimos como uma lacuna no edifício das ciências, que haja uma Ciência dos Estados Nacionais no máximo em abordagens irrelevantes, que tenha investigado os Estados realmente existentes segundo sua essência, suas propriedades, suas tendências, seu poder, cada um em si e também em investigação comparativa assim como segundo suas relações recíprocas. Uma tal Ciência dos Estados Nacionais deve ter um forte impacto geográfico, deve ser construída sobre fundamento geográfico bem como sobre [fundamento] histórico, deve ter uma disciplina direcionada geograficamente, correspondente à Geobotânica e à Geozoologia, para a qual se utilize da melhor maneira, com *Kjellen*, o nome de *Geopolítica*<sup>11</sup>. Sua relação com a Geografia Política é a mesma da Botânica ou Zoologia

---

<sup>11</sup> O uso da palavra em Haushofer e em seus amigos me parece ser oscilante. Dever-se-ia se resguardar diante do uso exagerado da palavra da moda.

geográficas com a Geografia das Plantas e dos Animais. Para os geógrafos, os Estados são componentes ou propriedades das regiões (Länder). Os fatos individuais da constituição estatal e da administração estatal, do direito estatal, da finança estatal, da defesa da região (Landesverteidigung) e assim por diante, tal como antigamente foram reunidos nos compêndios [p.146] de Geografia e Estatística, saem do âmbito da Geografia, não têm nada a ver com ela, porquanto não dependem de modo algum ou apenas distanciadamente da natureza das regiões (Länder) e também não exercem nenhuma influência radical sobre esta. Todavia, as relações espaciais dos Estados e seu tipo geral não podem ser deixados de lado pela Geografia, pois são mediados através da natureza das regiões (Länder) e reagem sobre esta, ainda que também seja um exagero avaliar estas ações como superiores às das relações da natureza. Sempre se observou bem quando se ultrapassou as fronteiras do reino alemão e veio para o outro lado da Áustria-Hungria e mesmo da Rússia; todavia, essa diferença marcou apenas uma nuance no âmbito da natureza da região (Landesnatur), e a exemplo do tipo de montanha de minério aquém e além da fronteira do reino, é em essência o mesmo. Individualmente pode-se duvidar até que ponto a investigação geográfico-política deve se desdobrar na essência dos Estados. Para investigações individuais, a delimitação nítida das ciências em geral é sem importância, e agora, porque ainda falta uma verdadeira Ciência dos Estados Nacionais, a Geografia continuou talvez oportunamente do mesmo modo como a História, como se correspondesse à fronteirização metodológica.

O objeto imediato da Geografia do Homem também para aquele que o restringe na imagem da paisagem é a *colonização* e a *remodelação da Terra* a ela ligada. Com ela a Terra se impõe como morada do homem (Wohnort des Menschen) no sentido mais estrito da palavra, e também a retroação do homem sobre a natureza, que é sim um bom objeto da Geografia bem como sua dependência da natureza (Abhängigkeit von der Natur), constitui-se aqui de maneira mais direta. A Geografia se esbarra aqui fortemente com questões da práxis – basta pensar em questões de colonização interna, de desmatamento, de irrigação e drenagem etc. –; outras ciências, contudo, falam apenas de maneira individualizada. Nesta situação é estranho que a Geografia tenha entrado apenas tardiamente na ampliação científica da *Geografia da Colonização* e que esta ainda hoje seja bastante atrasada. Com certeza trata-se aí de problemas muito difíceis, que pressupõem uma grande extensão de conhecimento geográfico-físico, especialmente geográfico-vegetacional.



A *população* está intimamente ligada ao povoamento, o termo entendido no sentido do número de homens. Enquanto a Geografia esteve mesclada com a Estatística, encontrou aqui uma de suas mais importantes tarefas, e hoje a população tem um grande papel em todas as apresentações geográficas, com razão, porque ela é de fato da maior influência em todas as outras relações geográficas. Contudo, são diferentes as tarefas da Geografia da População e da Estatística da População [p.147] na maioria das vezes ligada à Economia Nacional. A investigação particular das relações populacionais, de sua divisão segundo idade, gênero, etc., assim como de seu movimento cabe a esta. A Geografia restringe-se aos fatos que estão em conexão direta com a natureza da região (Landesnatur), o que é válido exceto para a densidade populacional bem como para o movimento populacional; todavia, ela vai além da Estatística, na medida em que busca conceber a população também nas regiões (Länder) em que não se tem nenhuma contagem populacional.

A descrição dos *assentamentos* individuais toma um espaço especialmente grande em todas as antigas apresentações geográficas. Estas às vezes decorrem diretamente da Topografia, que com frequência entra em estreito contato com a Topografia Histórico-artística. A Geografia científica propôs com razão uma tal Ciência das Cidades. Todavia, foi unilateral, quando se restringiu por um longo tempo quase completamente à posição das localidades. Com razão se trouxe também o plano das localidades para dentro do ramo da investigação geográfica. É também assim a investigação fica ainda unilateral, quando prescinde do caráter econômico e da fisiologia das localidades; pois apenas daqui sua essência total se constitui e suas relações geográficas se tornam compreensíveis. Com certeza deve-se ter cuidado para não cair nas antigas descrições de cidades.

A *Geografia da Circulação* se refere a povoamento, população e assentamentos; pois se estes apresentam o homem estaticamente, aquela o apresenta em movimento. Também ela é há muito um ramo da Geografia reconhecido e até mesmo privilegiado. Mas é incorreto quando a classificamos na maioria das vezes de Geografia Econômica e a ligamos imediatamente à Geografia das Trocas. A circulação serve à troca, porém, não se absorve nela, mas sim serve também a outras finalidades da vida e é um componente essencial da organização estatal. A Geografia da Circulação está em íntima relação com a Geografia Militar do mesmo modo que com a Geografia Econômica.

Na investigação da circulação a Geografia se toca com a História e com a Economia Nacional. Foi uma ideia errônea, para a qual já foi chamado a atenção, querer englobar completamente o desenvolvimento histórico da circulação na Geografia e tornar a Geografia da Circulação uma Ciência Geral da Distância, porquanto ela é uma superação do espaço. O desenvolvimento histórico é coisa da História; a Geografia tem a ver com a formação local diferenciada da circulação. E com isso ela não pode se restringir aos caminhos dos componentes da superfície terrestre e menos ainda ao roteamento, isto é, a possibilidade de facilitação de caminhos, mas sim deve perspectivar também os meios de transporte, que são mesmo diferentes nas diferentes regiões (Länder) e [p.148] tão característicos e importantes para elas. O tratamento econômico-nacional da circulação abre a ela com isso alguns pontos de vista e é, ao contrário, fecundado por ela; mas ambas as ciências quase não se prejudicam, pois a organização da circulação, pela qual se preocupa principalmente a Economia Nacional, sai do âmbito da Geografia.

A Geografia Militar foi tratada até aqui predominantemente para finalidades práticas e na maioria das vezes saiu de uma verificação descritiva bastante infértil das possibilidades do movimento local e acomodação de tropas. Contudo, ela pode também ser tratada teoricamente de modo abrangente, já que o tipo de operações militares em escala superior é mediado pela natureza da região (Landesnatur) e novamente exerce influência sobre esta; precisa-se pensar simplesmente na construção de fortalezas e de ferrovias estratégicas. Como se diferencia entre estratégia e tática, pode-se também desmembrar a Geografia Militar em ambos os ramos, da investigação militar geral da natureza da região (Landesnatur), e a mais especializada, mais topográfica, do particular como campo de batalha em localidades levadas em consideração. Ambas necessitam de concepção científica aprofundada. Também a práxis militar só pode ganhar a partir de uma tal [concepção]; a Topografia Militar de até então se revelou como insuficiente.

Muito mais cultivada no período mais recente, A *Geografia Econômica* cresceu a partir da antiga Geografia das Trocas. Não se trata mesmo apenas da concepção geográfica das trocas, mas sim também da produção econômica, da agricultura no sentido mais amplo do termo tanto quanto da mineração e da indústria, às vezes sem razão deixada de lado, e do consumo. Sobre o pertencimento da Geografia Econômica e sua posição no sistema das ciências se originou recentemente um certo conflito. Apesar do inconveniente desprezo da condicionalidade geográfica (geographische

Bedingtheit) de todas as relações econômicas precisamente pela Economia Nacional moderna, diferentemente de uma geração anterior (Roscher, Knies e ainda também Schmoller), alguns representantes querem usurpar completamente a Geografia Econômica desta ciência, querem suplantar a Geografia a partir dela<sup>12</sup>. Eles desconhecem a diferencialidade dos pontos de vista, dos quais ambas as ciências partem, e a possibilidade dada aí, a necessidade mesma de uma dupla investigação. Não pensamos em contestar junto aos economistas nacionais o direito à investigação da condicionalidade geográfica (geographische Bedingtheit) dos fenômenos econômicos, e apoiariamos mesmo alegremente [p.149] se eles a tratassem mais do que até então; porém, partindo do nosso ponto de vista, não podemos nos deixar tomar pelo direito de acercar-se das coisas econômicas<sup>13</sup>. Tal como entre a Geografia das Plantas e a Geobotânica, a Geografia dos Animais e a Zoologia Geográfica, devemos distinguir entre a verdadeira Geografia Econômica e a Ciência Econômica Geográfica, a esta última associando-se a Ciência Geográfica dos Produtos e das Mercadorias. Para a Ciência Econômica Geográfica estão no cerne do interesse os fenômenos e produtos econômicos, e ela questiona por sua distribuição geográfica; a Geografia Econômica tem a ver com a vida econômica das regiões (Länder) e localidades. Era um equívoco quando por vezes esta devia compreender a Ciência dos Produtos inteira, como acontecia com frequência em escolas e faculdades de comércio. O pesquisador geográfico individual pode escrever um trabalho no âmbito da Ciência dos Produtos – basta pensar nos excelentes trabalhos de *Karl Ritter* e posteriormente de *Theobald Fischer* –; mas ele abandona com isso a base da própria ciência e se insere numa área vizinha. No alvo da investigação geográfica sempre está a região (Land). Todavia, é uma falsa aplicação do princípio geográfico explicável apenas a partir de uma reação contra exageros passados, quando alguns pesquisadores querem restringir a Geografia Econômica às condições geográficas dos fenômenos econômicos. Com isso eles lhe retiram o chão sob os pés; pois influências como estas nunca podem compor o objeto da investigação científica (ver p. 126). O objeto da Geografia Econômica é o caráter econômico das regiões (Länder) e localidades e da Terra inteira, não apenas a produção, mas sim a

---

<sup>12</sup> Bastante superficial é a apreciação da Geografia Econômica por *Harm* em seu livro sobre economia mundial. Também muito unilateral a investigação introdutória de *Haußleiter*, economia e estado como objeto de estudo (Weltwirtsch. Archiv 1924, XX, Caderno 3).

<sup>13</sup> Para as relações de ambas as ciências, é uma boa referência o livro de *P. H. Schmidt* Pesquisa Econômica e Geografia (Wirtschaftsforschung und Geographie), Jena, 1925.

vida econômica inteira como um fenômeno da natureza da região (Landesnatur). Com certeza ela não pode e nem lhe é permitido entrar nas especificidades da organização econômica, que pouco tem a ver com a natureza da região (Landesnatur); isso ela deixa aos cuidados da Economia Nacional, que deveria construir esse lado regional de sua ciência mais do que até então. A Geografia Econômica é, segundo sua essência, uma disciplina da Geografia. Quis-se torná-la certamente uma ciência particular. Quando se pensa com isso apenas que uma parte da Geografia deve ser extraída para o ensino (Lehre) nas escolas e faculdades de comércio, assim, nada se pode opor fundamentalmente contra isso; apenas deve-se resguardar de podar por demais a Geografia Física; pois sem a concepção exata das condições naturais não é possível nenhuma compreensão dos fenômenos econômicos. Contudo, um recorte *in usum Delphini*<sup>14</sup> não é ainda [p.150] nenhuma ciência autônoma, e retira-se da Geografia Econômica o solo científico, quando a apontamos inteiramente para a aplicação prática. Partindo do ponto de vista do sistema das ciências ela se integra tão bem na Geografia como a Morfologia ou a Climatologia ou a Geografia das Plantas e dos Animais etc..

O consumo pertence também à Geografia Econômica, porém, há ainda um outro lado. Ele é uma externalização do *modo de vida (Lebensweise)* ou da *cultura material (materielle Kultur)* e até um certo grau também da [*cultura*] *espiritual (geistige*<sup>15</sup> *Kultur)* do homem. Também a saúde e o cuidado do corpo, a alimentação, o vestuário, a moradia e mesmo as diversões. São objeto da Geografia a formação, os bens de cultura espirituais, porquanto dependem das condições naturais (Naturbedingungen), apresentando assimilação nelas e, ao contrário, influenciando mesmo o povoamento, a circulação, a vida econômica e diretamente, com isso, a natureza da região (Landesnatur). Pode-se falar de uma *Geografia Cultural no sentido estrito*. Desde a separação da Geografia da Etnografia ela foi renunciada, e alguns etnólogos a querem desmentir completamente. Isso é uma testemunha da lamentável mesquinhez e falta de compreensão: evidentemente todas essas coisas têm seu lado etnográfico; mas com isso sua essência não é esgotada e se tanta

---

<sup>14</sup> Também „*ad usum Delphini*“, que significa para o uso do Delfin (Título do herdeiro da coroa francesa). [N.T.]

<sup>15</sup> Vale ressaltar que o adjetivo “*geistig*”, que deriva do vocábulo alemão “*Geist*” (espírito), vocábulo este carregado de sentidos, dada sua centralidade no pensamento filosófico alemão, deve ser compreendido aqui como “espiritual” no sentido de “intelectual”.

coisa nestes fenômenos ainda nos é obscura, assim, isso tem seu fundamento precisamente no fato de que a investigação geográfica se impôs ainda muito pouco.

Deste modo, o circuito da investigação geográfica do homem nos circunda. Ela se desdobra nos muitos fenômenos da vida humana, mas sempre apenas até o ponto em que eles podem ser concebidos com a natureza da região (Landesnatur). A Geografia das raças e povos, das religiões, dos Estados, do povoamento e das cidades, da circulação, da vida econômica, da cultura material e espiritual são partes da Geografia do Homem.

## **H. A Geografia Histórica**

A Geografia Histórica está em íntima relação com a Geografia do Homem; todavia, a relação é de outro tipo: ela é menos uma parte do que uma ciência vizinha. O nome “Geografia Histórica” é usado de modo diferente. Antigamente seu uso mais comum era invertido para História da Geografia de maneira natural; no entanto, com ela não se pode tratar mais do que de uma Geografia da História. Denominou-se antigamente a Geografia do Homem inteira como Geografia Histórica; porém, mesmo se nos restringirmos à Geografia dos Povos Culturais, o que não é mesmo justo, a designação é muito restrita, já que muitos fenômenos geográficos do homem têm pouco a ver com a História e a concepção histórica dos fenômenos se refere apenas ao método de investigação, não [p.151] a seu objeto, a partir do qual o nome pode ser depreendido. Sob Geografia Histórica pode-se entender apenas a investigação geográfica dos tempos passados. Esse significado do nome é sim geralmente bastante aceito hoje. Mas dentro deste conceito a Geografia Histórica fica, na maioria das vezes, com uma concepção muito restrita. Como em geral a Geografia era antigamente Topografia pura, a Geografia Histórica emerge ainda hoje predominantemente da investigação das fronteiras do Estado e das descrições locais; apenas poucas Geografias Históricas se elevam a descrições regionais (Landbeschreibungen) abrangentes, nas quais também o estado completo da região (Land), povoamento, circulação, vida econômica etc., são levados em consideração em sua dependência da natureza da região (Abhängigkeit von der Landesnatur) e também as próprias transformações da natureza da região (Landesnatur), da superfície terrestre e águas e bem como do clima, dos mundos vegetal e animal.

Apenas uma tal Ciência Regional Especial (*Landeskunde*<sup>16</sup>) abrangente oferece fundamento geográfico suficiente para a compreensão da História.

A Geografia Histórica neste sentido é fundamentalmente possível e necessária para cada período histórico e pode ser escrita separadamente para cada período; não há apenas uma, mas sim um sem-número de Geografias Históricas. De fato, quase somente a Geografia antiga, até mesmo esta ainda anteriormente à moderna (ver acima, p.88), e mais tarde também a Geografia da Idade Média alemã conheceram tratamento mais intensivo. Recentemente, a isso se uniu a Geografia Pré-histórica, que também deve contar com grandes diferenças do arranjo natural das regiões (*Naturbeschaffenheit der Länder*), portanto, também esta deve investigar de maneira autônoma.

Segundo sem modo de investigação, a Geografia Histórica é uma disciplina geográfica e, certamente, já que ela tem a ver principalmente com o homem, uma disciplina antropogeográfica. Contudo, o interesse

---

<sup>16</sup> Historicamente duas designações foram empregadas para rotular a disciplina que trata dos recortes do espaço terrestre: a *Landeskunde* e a *Länderkunde*. Note-se que “*Kunde*” em alemão quer dizer “ciência”, “estudo” e “*Land*” e seu plural “*Länder*”, vocábulos polissêmicos e de difícil tradução, querem dizer “terra(s)”, “país(es)”, “região(ões)”, “área(s)”, “província(s)”, etc. Por vezes empregadas como sinônimos, a exemplo de seu uso na obra *Lehrbuch der Geographie*, (Manual de Geografia), 1877, de Hermann Wagner (1840-1929) (SIEGER, 1979), essas duas designações, *Landeskunde* e *Länderkunde* – semelhantemente às designações *Volkskunde* e *Völkerkunde* para a Etnologia, “*Volk*” e seu plural “*Völker*” significando aí a rigor “povo(s)” – ainda hoje apresentam-se de maneira interligada. Poderíamos talvez distingui-las entendendo-as respectivamente como “Corografia” e “Corologia”, posto que sua distinção fundamental reside muito mais no método de investigação, do que propriamente no seu objeto. De maneira semelhante Wagner propôs na mencionada obra a distinção entre *allgemeine und besondere Länderkunde*, isto é, uma Ciência Regional Geral e uma Ciência Regional Especial, em que a primeira é entendida como investigação comparativa de diferentes “*Länder*”, enquanto a segunda se atém à investigação de uma única “*Land*”. Importante destacar que enquanto a *Länderkunde* se restringe ao âmbito da Geografia e tem a rigor uma preocupação científico-conceitual para a compreensão das *Länder* (a exemplo do que é feito no *Leibniz-Institut für Länderkunde* em Leipzig) a *Landeskunde* volta-se mais para a apresentação dos fatos em geral de uma única “*Land*” em seus mais variados aspectos sociais, geográficos, históricos, econômicos, culturais, etc. (tal como existente no sistema de ensino alemão). Para um debate a esse respeito, ver o texto de Robert Sieger “*Landeskunde und Länderkunde*” em STEWIG, Reinhard. *Probleme der Länderkunde*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1979. [N.T.]

nisso é histórico e apenas indiretamente geográfico, até o ponto em que o passado serve à explicação do presente. Também a aquisição de material, isto é, verificação dos fatos, na medida em que eles são diferentes dos do presente, resulta a partir de fontes históricas e segundo métodos históricos. E da mesma maneira que o tratamento da Geografia Histórica, como parece, com razão, está em grande parte nas mãos dos historiadores e pesquisadores da Antiguidade, também o tratamento da assim chamada Paleontologia, isto é, a Geografia dos períodos geológicos passados está nas mãos dos geólogos.